

TRADIÇÃO E PEDAGOGIA UMBANDISTA – UM MERGULHO NA NARRATIVA POPULAR BRASILEIRA

HÉLCIO FERNANDES BARBOSA JÚNIOR¹; LEANDRO HAERTER²; DENISE MARCOS BUSSOLETTI³

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPel – helcio_rs@msn.com ² Universidade Federal de Pelotas – UFPel – leandro@pelotas.ifsul.edu.br

³ Universidade Federal de Pelotas – UFPel – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Umbanda é uma religião brasileira anunciada, ou fundada como alguns preferem dizer, em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por meio da incorporação¹ de Zélio Fernandino de Moraes (CUMINO, 2011). Até então, não se ouvia falar a palavra Umbanda no Brasil, embora seja uma palavra usada na África, e que os fenômenos de incorporação, benzeduras, passes e manifestações de espíritos existissem desde sempre. Como uma religião nascida em um país colonizado, de forte influência das tradições culturais dos Africanos que aqui chegaram para ser escravizados, as práticas umbandistas contemplam em seus rituais, elementos advindos da tradição Africana, através do culto ao Orixá, e também, aos pretos-velhos, que seriam espíritos que em sua última encarnação vieram ao plano terrestre encarnados no corpo de africanos ou escravos brasileiros advindos da África, mas também, do Cristianismo (catolicismo), uma vez que propaga a fé através da crença em Jesus Cristo; do Kardecismo devido a crença na existência de espíritos (inclusive pai Zélio Fernandino era membro de um centro espírita Kardecista, a Fundação Espírita de Niterói), continuidade da vida após a morte e a lei do carma; Indígena devido o uso de ervas medicinais que se faz presente nos rituais de cura da Umbanda, bem como a pajelança associada aos caciques e médiuns, o uso do fumo nos trabalhos de caboclos.

Nosso objetivo nesse trabalho é contribuir com a discussão sobre a maneira como os conhecimentos dessa tradição, essa pedagogia umbandista é desenvolvida dentro dos terreiros, aproximando-nos de uma perspectiva de educação fora dos muros das escolas. Para tal usaremos como autor base Walter Benjamin e seu conceito de narrador.

¹ Incorporação na Umbanda significa receber o espírito, incorporar, para que assim possa se dar a palavra de conforto e o passe aquele que a procura.

2. METODOLOGIA

Para responder as questões da oralidade o filósofo e ensaísta Walter Benjamin traz a narrativa como forma de aprendizado e troca de experiências. Tratando-se da Umbanda, não poderia ser mais propício compreender a partir de uma perspectiva benjaminiana o papel deste sujeito que narra, conta as histórias no tempo, e através dele. A bibliografia a respeito da Umbanda é muito recente, e é neste momento que a narrativa torna-se a principal forma de conhecimento, porém essa arte está cada vez menos valorizada, a arte de contar histórias está se perdendo cada vez mais. O ato de contar histórias deve ser perpetuado, segundo Benjamin pelo fato de que “[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Dessa maneira não se perde o que poderíamos chamar de as raízes da nossa história e da humanidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que a presença da tradição e cultura umbandista não se perca no tempo, necessitamos dos narradores, no sentido de perpetuar essa história. Caso contrário ela se perderá ou irá transformar-se em outras narrativas, talvez não fiel aos seus preceitos iniciais que são a caridade e fraternidade. Sabe-se inclusive que com o passar do tempo, muitos terreiros cobram pelos trabalhos executados, o que vai totalmente contra aquilo que a Umbanda verdadeiramente prega.

Através da narrativa, o cacique de Umbanda se desloca no tempo, traçando relações entre o que é a Umbanda fundada em 1908 e a (re)significa para os dias de hoje. Benjamin endossa a ideia:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento.

Transmitir a Umbanda torna-se não somente uma maneira de perpetuar sua história, anunciação e fundação, como também serve para que a prática do mito seja preservada. A maneira como acontecem os rituais, o ensinamento de

abertura e fechamento dos rituais é passado de geração à geração através de uma prática narrada.

4. CONCLUSÕES

A Umbanda, como qualquer outra religião praticada por seres humanos, possui práticas que foram se diferenciando com o tempo. Cada casa, ou terreiro, e cada médium, professa sua fé de forma diferenciada. Alguns a usam como fonte de renda e muitas vezes para praticar o mal contra seu próximo, esquecendo que sua principal lei é a caridade.

Janaína Azevedo, escritora sobre o assunto, diz na introdução de um de seus livros,

[...] sentir saudades de um tempo que eu não vivi. Um tempo em que você trabalhava o dia todo e, quando saía à noite, sendo dirigente de um terreiro, ia para a Casa cuidar das pessoas, fazer sua gira e cumprir com as suas obrigações – obrigações estas, que você assumia por vontade própria. Se a Casa recebia alguma coisa, era o justo e a justa medida de cada um em doações. Você não via templos monumentais, mas casinhas aconchegantes, onde todo mundo tinha um espaço e onde sempre tinha uma entidade para te ouvir. (AZEVEDO, 2010, p. 10)

É exatamente a esse serviço que esta pesquisa se propõe, buscar essa concepção de Umbanda, talvez já esquecida, e que pode ser retomada através da oralidade desses caciques, chefes de terreiros, onde se doutrina através do exercício da crença, mas também se faz perpetuar a cultura, ancestralidade e tradição de um povo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

AZEVEDO, Janaina. **Tudo que você precisa saber sobre umbanda. Vol. I.** São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

_____. **Tudo que você precisa saber sobre umbanda. Vol. II.** São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas.** Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORRAL, Janaina A. **As sete linhas da umbanda.** São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

CUMINO, Alexandre. **História da umbanda: uma religião Brasileira.** São Paulo: Madras, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.**

Campinas/SP: Alíneas, 2007.

SARACENI, Rubens. **Os Arquétipos da umbanda, as hierarquias espirituais dos orixás.** São Paulo: Madras, 2011.